

NÍVEL DE CONHECIMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS PARA O TRATAMENTO DA HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA: EXPERIÊNCIA VIVENCIADA EM ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA

Brunna Emanuely Guedes de Oliveira¹, Ivania Alves Guedes¹, Anna Júlia de Souza Freitas¹, Harley da Silva Alves¹, Maria do Socorro Ramos de Queiroz¹.

¹Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Paraíba, PB, Brasil. brunaemanuely15@hotmail.com

O uso de plantas medicinais é equivocadamente entendido pela população, de uma maneira geral, como o emprego de fitoterapia. Segundo conceito da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, o medicamento fitoterápico é obtido através do emprego exclusivo de matérias-primas vegetais, sendo caracterizado pelo conhecimento da eficácia e dos riscos de seu uso. Sua eficácia e segurança são validadas através de levantamentos etnofarmacológicos de utilização, documentações tecnocientíficas em publicações ou ensaios clínicos. Enquanto para plantas medicinais é estabelecido que sejam espécies vegetais capazes de aliviar ou curar enfermidades, ou seja, tenham fins terapêuticos. O objetivo deste trabalho foi identificar as plantas medicinais solicitadas para tratamento da Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS). O estudo foi do tipo quali-quantitativo, exploratório e transversal realizado em usuários atendidos nas Estratégias Saúde da Família no distrito de Galante, em Campina Grande-PB. Os dados foram coletados mediante a aplicação de um questionário semiestruturado que contemplaram questões referentes aos perfis sociodemográficos realizados entre abril e junho de 2017. Os dados foram digitados e manipulados em software Excel (2007) e *Statistical Package for Social Sciences for Windows* (SPSS) 17.0. A análise quantitativa dos dados foi feita por meio do cálculo de distribuições de frequência e porcentagens. Participaram da pesquisa 144 pacientes, sendo a maioria do gênero feminino, 72% (n=103), 63% (n=91) eram agricultores e 58% (n=83) apresentavam baixo poder aquisitivo (renda de até um salário mínimo). As plantas citadas para o tratamento da HAS foram: o Chuchu (*Sechium edule*) e o Maracujá (*Passiflora edulis*) foram citados por um dos participantes, a Erva Doce (*Pimpinella anisum* L) e a Camomila (*Matricaria chamomilla* L.) apenas por 2, o Sabugueiro (*Sambucus nigra* L.) por 3, o Capim Santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.) e Hortelã Miúda (*Mentha x villosa* Huds) foi citado por 4 pessoas, a Erva Cidreira (*Lippia alba*) por 6 e o Endro (*Anethum graveolens* L.) por 7. Os resultados apontaram que muitas plantas medicinais são utilizadas no tratamento da HAS e que o uso delas aumenta com a idade das pessoas, portanto é de extrema necessidade orientar os profissionais da área de saúde e os usuários das ESF evitando, assim, o uso indiscriminado e possíveis interações com medicamentos alopáticos.

Palavras-chave: Medicina tradicional. Fitoterapia. Pressão arterial.

Apoio: MEC/SESu

AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES FITOTERÁPICAS DO ABACATEIRO (*Persea americana*)

José Erlandro Cardoso de Lima¹, Pedro Francisco do Nascimento Neto¹, Ingrid Raquel Nóbrega da Silva¹

¹Alunos do Curso de Graduação em Farmácia, Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM/PB), João Pessoa, PB, Brasil. jerlandro@gmail.com.

O uso de plantas medicinais é uma prática utilizada pela humanidade desde seus primórdios. O conhecimento sobre as plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico para diversas comunidades e grupos étnicos, como curandeiros, índios, grupos religiosos, entre outros, seja pela própria cultura ou pela falta de serviços de assistência à saúde. É comum encontrarmos a comercialização de plantas medicinais nas feiras livres, nos mercados populares e até mesmo nos quintais residenciais. O uso de tal recurso terapêutico é uma prática comum disseminada entre os povos e tem seu incentivo nas políticas públicas de saúde em diversos países, como por exemplo, o Brasil, o qual, através da Política Nacional de Medicamento e da Política Nacional de Plantas Medicinais incentiva a pesquisa e o uso da flora nacional para o desenvolvimento de novos produtos farmacêuticos. Dentre o universo das plantas com finalidades terapêuticas, podemos destacar o abacateiro (*Persea americana*), o qual é rico em óleos vegetais e uma variedade de compostos químicos bioativos, incluindo a vitamina E, carotenóides, esteróis, compostos fenólicos, entre outros, além de possuir uma notável qualidade nutricional. Diante do exposto, o presente trabalho teve por objetivo fazer uma revisão bibliográfica sobre as propriedades fitoterápicas da planta *P. americana* (abacateiro). Os trabalhos analisados foram pesquisados nas bases de dados científicas disponíveis eletronicamente, a saber, Google Acadêmico e Scielo, utilizando as seguintes palavras-chave: “plantas medicinais”; “abacateiro e suas propriedades”. De acordo com os resultados encontrados, o abacateiro é bastante utilizado com diversas finalidades terapêuticas, as quais são destaques no tratamento das afecções renais, da hipertensão, da inflamação, da infecção urinária, da indigestão; utilizada também com propriedades laxativa, diurética, antiasmática, antigripal, calmante, entre outras. Das propriedades fitoterápicas mencionadas, a principal indicação do abacateiro é voltada ao tratamento dos distúrbios renais, uma vez que todos os trabalhos analisados destacavam a referida indicação. A parte utilizada do abacateiro mais citada são suas folhas e modo de preparo para extração de seus componentes foi decocção e infusão. Diante do exposto, podemos concluir que o abacateiro é uma planta bastante rica em suas propriedades terapêuticas e pode ser uma fonte para a pesquisa de novos medicamentos voltados aos tratamentos das doenças relacionadas ao sistema urinário, bem como para outras afecções. É importante que os pesquisadores da área realizem mais estudos em volta da planta aqui mencionada, tais quais em torno de suas propriedades fitoterápicas e toxicológicas.

Palavras-chave: Abacateiro. *Persea americana*. Fitoterápico.

POTENCIAL TERAPÊUTICO DA PSILOCIBINA EM TRANSTORNOS MENTAIS

Otávio Manoel de Castro Cunha¹, Laryssa Mirelle da Silva¹, Demis Ferreira de Melo¹,
Wesley Castro da Silva¹, Rosemary Sousa Cunha Lima¹.

¹Departamento de Farmácia – Universidade Estadual da Paraíba – Otaviocastrouepb@gmail.com

O uso de cogumelos alucinógenos faz parte da tradição ritualística religiosa ou por curandeiros em diversos locais do planeta, tais como o México, a Guatemala e a Amazônia. Pode-se dizer que a necessidade humana de promover estados de consciência alterados, incomuns ou ampliados, induzidos por substâncias psicoativas pré-data a história escrita, sendo reinventada e empregada em diversos contextos socioculturais e ritualísticos. Existem cerca de 10.000 espécies de cogumelos no mundo e mais de 200 são conhecidas por seu potencial alucinógeno. No Brasil são encontradas espécies de cogumelos alucinógenos pertencentes aos gêneros *Psilocybe*, *Panaeolus* e *Pluteus*, que se caracterizam pela presença de alcaloides indólicos derivados do aminoácido triptofano, especialmente a psilocibina. O objetivo desse trabalho é descrever o potencial terapêutico da psilocibina em transtornos mentais. Trata-se de uma revisão narrativa, fundamentada na bibliografia entre os anos de 2008 a 2016, consultada nas bases de dados *SciELO*, *ResearchGate* e *Google Acadêmico*, de onde foram excluídos artigos de língua inglesa. O consumo de cogumelos do gênero *Psilocybe* provoca efeitos alucinógenos, os quais são atribuídos à psilocibina. Este marcador químico tem ação fisiológica devido à interações com receptores serotoninérgicos cerebrais que promovem ativação do receptor 5-HT_{2A} e, conseqüentemente, captura de serotonina da fenda para o interior da célula. O mecanismo de ação fundamenta-se na hiperativação do córtex pré-frontal e mudanças metabólicas em regiões específicas do cérebro, que caracterizam alterações nos processos cognitivos. Seus efeitos são considerados fisiologicamente seguros e, diferentemente dos opioides, não produzem dependência ou vício, visto que sua janela terapêutica é extensa. Por isso, podem ser destinados para tratamento de estados alterados de consciência cuja patogenia esteja associada à deficiência de serotonina, como psicoses, depressões e esquizofrenias. A medicina atual busca formas alternativas para o tratamento de doenças, especialmente as que envolvem transtornos mentais. Embora a psilocibina apresente potencial terapêutico comprovado, há necessidade de estudos *in vivo* de longo prazo e estabelecimento de protocolos clínicos experimentais em humanos, a fim de que tal substância seja incluída no rol da saúde pública com desenvolvimento de medicamentos inovadores.

Palavras-chave: Alucinógenos. Cogumelos. Depressão.

AÇÃO ANTIOXIDANTE DO FLAVONOIDE QUERCETINA FRENTE À RADICAIS LIVRES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

João Victor Belo da Silva¹; Lucas Silva Veríssimo¹; Viviane Maria da Silva Quirino¹;
Ivana Maria Fechine¹

¹Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Campina Grande, PB, Brasil. victorjoabelo.32@gmail.com

Os radicais livres são espécies químicas formadas por um átomo ou associação de átomos, capazes de se manterem com elétrons desemparelhados em sua última camada eletrônica. Esse fenômeno os torna altamente instáveis e reativos. O interesse pelos radicais livres e antioxidantes tem se intensificado, em razão da possível contribuição dessas substâncias na patogenia de diversas doenças. A presença dos radicais é crítica para a manutenção de muitas funções fisiológicas, porquanto afetam muitas moléculas biológicas, incluindo lipídeos, proteínas, carboidratos e as vitaminas. Antioxidante é qualquer substância que em baixas concentrações quando comparada a do substrato oxidável, retarda ou impede a oxidação deste substrato de forma eficaz, podendo ser encontrado naturalmente no organismo e em alimentos. Vem sendo comprovado que uma dieta abundante em antioxidantes reduz os riscos das principais doenças humanas. Com o intuito de apresentar uma abordagem da ação antioxidante da quercetina, frente à radicais livres, foi realizada uma revisão narrativa com base em artigos científicos dos últimos 15 anos, utilizando como critérios de inclusão os termos “Antioxidante”, “Quercetina” e “Radicais Livres” nos portais, Scholar Google, Scielo, e Periódicos Capes. A busca no material literário estudado, forneceu 36 artigos, dos quais 15 deles foram selecionados para compor essa revisão. Os flavonóides são uma categoria de metabólitos secundários provenientes de plantas e fungos, sendo a quercetina (3,5,7,3'-4-pentahidroxi flavona) o principal flavonóide presente na dieta humana, sua potente ação antioxidante, antifibrótica, anticarcinogênica, anti-inflamatória e baixa toxicidade, chamam atenção como potencial agente terapêutico. Os artigos analisados demonstram que a quercetina é tida como um forte antioxidante pela sua capacidade de eliminar radicais livres e ligar íons de metais de transição. Essa especialidade permite que ela iniba a peroxidação lipídica, um processo onde os ácidos insaturados são convertidos em radicais livres através da captação de hidrogênio, onde a peroxidação de lipídeos pode gerar efeitos nocivos ao organismo, como doenças cardiovasculares e neurodegenerativas; entretanto, essa reação pode ser inibida por antioxidantes, a quercetina por exemplo, atua reagindo com os radicais formados. A presente revisão demonstra, com base nos 15 artigos escolhidos, que são inúmeras as pesquisas desenvolvidas com o objetivo de elucidar o papel dos radicais livres em processos fisiopatológicos, e que a utilização de agentes antioxidantes naturais como a quercetina têm sido relatada na literatura, porém, se tornam necessários ainda estudos que ampliem esse conhecimento e permitam demonstrar intervenções efetivas, trazendo uma nova abordagem na inibição dos danos provocados pelo excesso de radicais livres.

Palavras-chave: Antioxidante. Quercetina. Radicais livres.